UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA HUMANA

PEDRO PINCHAS GEIGER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIVISÃO GEOECONÔMICA DO BRASIL

CAMILA GOMES ALVES

Rio de Janeiro
2016

CAMILA GOMES ALVES

PEDRO PINCHAS GEIGER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIVISÃO GEOECONÔMICA DO BRASIL

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura e/ou bacharelado em Geografia.

Profª.: Mônica Sampaio Machado

Rio de Janeiro

2016

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA HUMANA

PEDRO PINCHAS GEIGER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIVISÃO GEOECONÔMICA DO BRASIL

CAMILA GOMES ALVES

MONOGRAFIA SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE (LICENCIATURA E/ OU BACHARELADO) EM GEOGRAFIA.

APROVADA EM: _____/_____/_____

_____

Profª. Drª. Mônica Sampaio Machado (Presidente da Banca)

_____

Profª. Drª. Inês Aguiar de Freitas

_____

Profª. Drª. Ângela Nunes Damasceno Gomes

Rio de Janeiro, RJ – Brasil

2016

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares pelo amor e apoio de sempre, principalmente, a minha amada mãe Luzia por todo o amor e carinho, que me deu forças pra chegar até aqui. Ao meu querido pai Luis que me ensinou o valor da honestidade, superação e respeito. Sei que se orgulham por ter sido a primeira filha a chegar e a concluir o Ensino Superior, enfrentando todas as dificuldades com muita luta e coragem para concluir esse desejo, que vocês tanto se empenharam. A meu irmão Rafael e irmã Isabela, por toda ajuda e compreensão de todo o meu esforço e da árdua tarefa que foi chegar até aqui. Aos meus sobrinhos Matheus e Miguel, pela compreensão sempre demonstrada no tempo que não lhes dediquei. Todos os meus agradecimentos a minha família.

Agradeço a minha professora orientadora Mônica Sampaio Machado, pela amizade, convívio, confiança, paciência e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho, as nossas conversas durante e para além do grupo de pesquisa foram fundamentais. Muito obrigada por ter abraçado esse projeto de maneira tão completa e por me ensinar o verdadeiro papel de ser Professora/Geógrafa. Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial ao professor Pedro Geiger por compartilhar grandes momentos de sabedoria, importantes para a minha formação acadêmica e pessoal.

Aos amigos da Geografia UERJ, Carol, Rafael "Pezão", Billo, Gustavo "Tutinha", Rianna, Gislane, Gustavo, Leo IGEOG, em especial aos amigos e amigas da turma 2009.1: Mari toda a minha admiração e gratidão pela amizade e apoio nos mais diversos momentos. Marcelli, Danilo, André, Naman, Anderson, Victor, Luana, Diego, Elton, Jaqueline, Augusto "Topogigio", Nicolau, Davydi, Vagner e Túlio, o meu verdadeiro agradecimento e carinho. Meus agradecimentos estendidos aos amigos que não foram citados e aos amigos de Centro Acadêmico - Josué de Castro.

A todos os funcionários que me auxiliaram durante a minha trajetória na Geografia UERJ.

A todos que já falei, agradeço por acreditarem direta ou indiretamente no meu potencial, na minha profissão, nas minhas ideias, e devaneios, principalmente quando nem eu mais acreditava.

Gratidão.

“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,
humanamente diferentes e totalmente livres.”
(ROSA LUXEMBURGO)

RESUMO

Este trabalho tem como propósito apresentar as importantes contribuições do geógrafo Pedro Pinchas Geiger para a construção da Geografia Científica no Brasil. Resultados de pesquisa, produzidos através do projeto *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros*, 1890-1990. O Dicionário procura dar uma pequena contribuição à Geografia Brasileira, resgatando os lugares de origem dos autores, assim como os de produção intelectual ao longo do tempo, buscando relações possíveis entre o autor, suas obras, a formação de suas ideias e contribuições. Segundo a metodologia de pesquisa adotada foi trabalhado a interpretação e o olhar crítico, onde o autor propõe uma nova metodologia de Regionalização do Brasil, a partir dos aspectos histórico-econômicos e os novos vínculos entre os espaços do território brasileiro. Logo este trabalho irá se limitar a apresentar e discutir o artigo "*Organização Regional do Brasil*" publicado na Revista Geográfica do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH), em 1964. Em paralelo à análise do artigo citado, serão feitas correlações, acerca do resgate do território da vida do autor, buscando evidenciar o caminho percorrido e onde suas influências se fizeram perceber em suas obras. Assim, será possível perceber a fundamental importância desse geógrafo mediante as profundas transformações no espaço geográfico brasileiro.

Palavras-chave: Pedro Pinchas Geiger, Geografia brasileira, Divisão Geoeconômica do Brasil, Dicionário dos Geógrafos Brasileiros.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - PEDRO PINCHAS GEIGER.....11
Figura 2 - PEDRO PINCHAS GEIGER & FANY DAVIDOVICH.....13
Figura 3 - PEDRO PINCHAS GEIGER, IBGE.....16
Figura 4 - PEDRO PINCHAS GEIGER, CONFEGE.....17
Figura 5 - MAPA DO BRASIL: DIVISÃO REGIONAL - CONSELHO NACIOL DE GEOGRAFIA 26
Figura 6 - MAPA DO BRASIL: DIVISÃO GEOECONÔMICA.....28
Figura 7 - PEDRO PINCHAS GEIGER.....32
Figura 8 - PEDRO PINCHAS GEIGER.....33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....09

1. O TERRITÓRIO DA VIDA E INTELECTUAL DE PEDRO PINCHAS GEIGER.....10

1.1. TRAJETÓRIA ACADÊMICA / UNIVERSITÁRIA.....13

1.2. PRIMEIRO TRABALHO – IBGE.....14

1.3. INFLUÊNCIA DE PROFESSORES, AUTORES E GEÓGRAFOS.....19

2. ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO BRASIL SEGUNDO PEDRO PINCHAS GEIGER.....20

2.1. A REGIÃO.....21

2.1.1. COMPREENSÃO DAS DIVERSAS CONCEPÇÕES DE REGIÃO.....22

3. DIVISÃO GEOECONÔMICA DO BRASIL DE PEDRO PINCHAS GEIGER.....26

3.1. CENTRO-SUL.....28

3.2. NORDESTE.....29

3.3. AMAZÔNIA.....30

CONSIDERAÇÕES FINAIS 31

REFERÊNCIAS 34

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da pesquisa desenvolvida, a partir do projeto *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros*. Sendo assim, a metodologia e objetivos foram orientados pelo projeto, que por sua vez possui a finalidade de recuperar a contribuição de intelectuais envolvidos diretamente com a fundação da Geografia Científica no Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro, desde os finais do século XIX até os anos de 1990, a partir de resgates da produção intelectual dos autores e das suas relações com a trajetória vivida por cada um deles.

O trabalho aqui proposto busca apresentar a trajetória espacial do geógrafo Pedro Pinchas Geiger, sua origem e sua formação, associada à sua trajetória intelectual. Esse trabalho também tem como propósito evidenciar a importante contribuição do geógrafo, a partir da proposta de uma divisão regional do Brasil em três grandes complexos geoeconômicos na década de 1960. Para tal, será apresentado e discutido o artigo "*Organização Regional do Brasil*" publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, onde propõe uma nova metodologia de regionalização, assim sendo, abrangendo os aspectos histórico-econômicos e os novos vínculos entre os espaços do território brasileiro.

Nesse sentido, a partir desses métodos de pesquisa, e entrevistas realizadas, apresentam-se alguns indicativos e possibilidades de compreensão da divisão regional pensada por Pedro Geiger.

De fato são inúmeras contribuições e influências dadas aos primeiros passos do Pensamento Geográfico brasileiro. Contudo, é objetivo aqui proposto evidenciar a contribuição do geógrafo Pedro Pinchas Geiger, diante da riqueza de conhecimento que suas obras puderam oferecer, e de acontecimentos que sua vida pode presenciar.

Pedro Geiger esteve diretamente envolvido na formação universitária da Geografia no país, ao ingressar ainda na década de 1930; participou de excursões e trabalhos de verdadeiro desbravamento do Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), onde foi um dos primeiros geógrafos e se aposentou após quarenta e dois anos na instituição; envolveu-se em diversos programas de pós-graduações de Universidades brasileiras e estrangeiras; possui uma extensa lista de publicações, que muito contribuem ainda para a constante consolidação do Pensamento Geográfico brasileiro. A relação entre a trajetória espacial de Pedro Geiger, sua atuação dentro do IBGE, bem como sua produção enquanto pesquisador do Instituto e seu pensamento intelectual no contexto da Geografia acadêmica serão explorados aqui, visando uma reflexão e interpretação de seu papel no campo da Geografia no Brasil.

Capítulo I

1- O TERRITÓRIO DA VIDA E INTELECTUAL DE PEDRO PINCHAS GEIGER

> A pós-modernidade considera a inexistência de uma identidade única Cada indivíduo seria dotado de diversas identidades, historicamente estruturadas, cada uma sendo vivenciada em um determinado tempo, ou, recebendo uma atenção maior ou menor. Sabê-lo é um alívio, para quem desde criança viveu intensamente questões de pluralismo. (GEIGER, 1994, p.124).

Filho de imigrantes palestino/israelenses, judeus nascidos na antiga Palestina, no Oriente Médio, sendo a família materna de origem austríaca. Em um movimento anterior ao Sionismo, sua família e muitas outras haviam migrado para a "Terra Santa". Entretanto, após a Primeira Guerra Mundial, a Europa se encontrava imersa em uma grave crise, refletida no mundo todo. Além desse fato, perseguições antissemitas começavam a tomar o continente, incentivando mais um movimento migratório, dessa vez rumo a América. Muitas famílias buscaram os Estados Unidos, porém a família Geiger[1] migrou para o Brasil por questões de parentesco, uma vez que demais familiares já residiam no país.

Pedro Pinchas Geiger nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 18 de Fevereiro de 1923, mas por motivações religiosas, seu pai israelita, o registrou no dia 1º de Março, seu aniversário passou então a coincidir com a data da fundação da cidade do Rio de Janeiro.

A infância e juventude de Pedro Geiger foram vividas no bairro carioca de Vila Isabel, na Rua Barão de São Francisco, trecho entre a Praça Barão de Drumonnd, conhecida popularmente de Praça Sete, e o Morro dos Macacos, em um período que o Morro era romanticamente visto como um local para se apreciar as estrelas, e o bairro de Vila Isabel era marcado pelas festas de carnaval e as batalhas de confete das Ruas Santa Luzia e Dona Zulmira. Também morou por um determinado período na Rua Teodoro da Silva.

Estudou o Ensino Primário na Escola Municipal Barão Homem de Melo. No mesmo bairro de referência pode observar o cotidiano da classe operária dos trabalhadores das fábricas existentes à época, e também relações culturais marcadas por um dos maiores sambistas, cantor e compositor, seu vizinho Noel Rosa.

Desde cedo Geiger desenvolveu conhecimentos sobre a Geografia da cidade, pois acompanhava o itinerário de trabalho do seu pai como prestamista,[2] em bairros periféricos da

---

[1] A maior parte das informações biográficas aqui apresentadas foi retirada da entrevista concedida por Pedro Geiger à Monica Machado, 2002, e do texto, Notas autobiográficas e reflexões, de Pedro Geiger, 1994.

[2] Seu pai, apesar de conhecedor de outros ofícios, como de tipógrafo, só pode exercer no Brasil o ofício de prestamista (Pedro Geiger, 2012)

cidade, em passeios da família ou em caminhadas para a sinagoga, que ficava na Praça XI, no Centro do Rio. A composição da comunidade judaica da cidade, que convivia teve um papel importante, pois o auxiliou a compreender as variáveis espaciais na Geografia social do Rio de Janeiro, assim como as diferenças entre as estruturas que compunham os diversos bairros da cidade.

Todas as experiências que sua família viveu em relação a questões como território, nacionalismos e espaço geográfico, suscitaram em Pedro Geiger um interesse especial por Geografia e História.

> "Portanto, a "variável espacial" participou desde cedo na minha problemática existencial. Não era apenas o registro de uma configuração geométrica de ruas, construções, redes de transporte, energia, e comunicações. Desde cedo começou a se desenhar, na minha cabeça, uma geografia social, inclusive a da comunidade judaica". (GEIGER, 1994, p. 127).

(Fonte: Acervo Grupo de Pesquisa Geobrasil, UERJ)

Estudou o Ginásio no Colégio Pedro II (Floriano Peixoto – Centro da cidade do Rio de Janeiro), onde construiu a sua formação política de inspiração esquerdista, sob a influência de

professores como José Oiticica[3], Delgado de Carvalho, Hugo Segadas Viana e Fernando Antônio Raja Gabaglia.

Em 1939, com 16 anos Geiger termina o Ginásio, que tinha a duração de 05 anos. Nessa época, após concluírem o Ginásio, os alunos que desejassem seguir seus estudos deveriam optar por um dos cursos complementares, que possuíam 02 anos de duração, nas seguintes áreas do conhecimento: Ciências Exatas, Ciências Humanas ou Ciências Biológicas.

O sonho de Geiger sempre foi ser médico, mas seus pais não tinham condições para custear uma faculdade de Medicina que tinha a duração de 08 anos. Por sugestão do seu pai, que o considerava muito politizado desde seus 13 anos, quando demonstrava interesses pela conjuntura política mundial, acompanhando notícias sobre a Guerra Civil Espanhola, o crescimento do fascismo e nazismo e o conflito com ideologias comunistas e democráticas, Geiger resolveu ser professor.

Com o objetivo de tornar-se professor e posteriormente custear os estudos de Medicina, Pedro Geiger aos 17 anos ingressou no curso de Geografia e História, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Brasil, hoje a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Porém na Era Vargas, o Governo estava interessado na Reforma Capanema, que teve como proposta, o Ginásio com duração de 04 anos e o Colegial com duração de 03 anos subdividido em Clássica (formação humanística) e Científica (formação profissionalizante).

Assim sendo, a Reforma Capanema foi responsável, também, por formar e licenciar o professor secundarista, visto que anteriormente engenheiros, médicos, advogados, membros do Instituto Histórico Geográfico, da Academia Brasileira de Letras, ou de outras Instituições, tinham permissão para lecionar, pois não havia a profissionalização do magistério no Ensino Secundarista.

Para estimular a carreira de professor, o Governo permitia o ingresso direto do Ginásio para a Faculdade de Filosofia, sem precisar fazer o curso complementar, que era então exigido. Mas para fazer a Faculdade de Medicina era necessário o curso complementar de Ciências Biológicas. Então, durante o ano de 1940, Geiger viveu um período em que frequentava, simultaneamente a Faculdade, e a noite o curso complementar de Medicina, o qual se formou, porém seguiu a carreira de geógrafo.

---

[3] José Rodrigues Leite e Oiticica (Oliveira/MG, 1882 – Rio de Janeiro/RJ, 1957) foi um filólogo, professor e militante anarquista autor de importante obras tanto de filologia portuguesa, quanto de política anarquista. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica, acesso em: 14 de Março de 2016.

1.1. TRAJETÓRIA ACADÊMICA / UNIVERSITÁRIA

Em 1940 ainda muito jovem, com 17 anos, Pedro Geiger ingressou no Curso de Geografia e História, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual UFRJ. Sua turma foi uma das primeiras no curso de Geografia e História. Fany Davidovich, Regina Pinheiro Guimarães Spindola e Regina Rochefort foram colegas de turma, que se tornaram importantes referências para a Geografia brasileira.

(Fonte: Arquivo pessoal Pedro Pinchas Geiger)

Na Faculdade havia uma forte influência francesa, a exemplos os professores, Antoine Bon**,** que ensinava História Antiga, o Leuzinger, de Geografia Física e Climatologia, Tapie de História Moderna e o Francis Ruellan, professor de Geografia, de Geomorfologia e de Geografia do Brasil. Delgado de Carvalho e Josué de Castro, também foram seus professores.

Na Universidade Geiger foi convidado pelo professor Leuzinger para ser seu assistente na cadeira de Geografia Física, a princípio o convite foi aceito, mas como Geiger estava envolvido com o movimento estudantil o Professor Leuzinger mudou de idéia e convidou a Lucy Abreu da Rocha Freire, que posteriormente tornou-se assistente do Josué de Castro.

No entanto, Francis Ruellan[4] teve papel decisivo na vida de Pedro Geiger, que o conheceu em um trabalho de campo realizado na cidade do Rio de Janeiro em um Sábado chuvoso, onde pegaram o bonde no "Tabuleiro da baiana[5]" para a Gávea, e de lá seguiram em caminhada, estudando e explorando, o que hoje é a Rocinha. Caminharam para São Conrado, Furnas e Cascatinha, e retornaram de bonde pelo Alto da Boa Vista até a Tijuca.

Em 1942, com 19 anos Geiger foi convidado pelo geógrafo francês Ruellan, a ingressar no Conselho Nacional de Geografia (CNG), do o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), assim, um ano antes de concluir sua graduação foi contratado pelo IBGE, encerrando suas antigas pretensões de seguir a carreira médica. Passou, então, a trabalhar com importantes geógrafos como Orlando Valverde[6], Fábio de Macedo Soares Guimarães e Miguel Alves de Lima.

1.2. PRIMEIRO TRABALHO – IBGE

O IBGE foi criado em 1938[7] e já era composto por importantes nomes da Geografia brasileira, como Orlando Valverde, Lucio de Castro Soares, Lindalvo Bezerra dos Santos, e um cartógrafo/estatístico/topógrafo autodidata, Héldio Xavier Lenz Cesar, que assim como Miguel Alves de Lima, então bibliotecário do CNG, mobilizados pelo Ruellan para levantamentos de campo, se formaram, posteriormente em Geografia.

Um ano após seu ingresso no IBGE, em 1943 Geiger participou de expedições pelo Brasil para levantamento de dados e elaboração de mapas. Essas expedições foram de fundamental importância para sua formação profissional, pois a partir das experiências em

---

[4] Francis Ruellan (1894-1975) trabalhou no Rio de Janeiro entre 1940 e 1956, formando a segunda geração de geógrafos. Desenvolveu o ensino e a pesquisa em Geografia, principalmente na área de Geomorfologia (MACHADO, 2002)

[5] O Tabuleiro da Baiana era uma estação terminal no centro da cidade do Rio de janeiro para os bondes destinados aos bairros da Zona Sul, e ficava localizado no trecho entre a Rua Senador Dantas e a Avenida 13 de Maio. Foi demolido na década de 1960 para dar lugar à construção da Avenida República do Chile. (RODRIGUEZ, 2004, p.154).

[6] O professor Orlando Valverde exerceu suas atividades profissionais, sobretudo na Fundação IBGE, de 1938 a 1982. Realizou pesquisas científicas no campo da Geografia, em todo Brasil, com ênfase especialmente nos últimos 30 anos na Amazônia. Estudos e debates sobre o problema crucial do manejo florestal. Disponível em http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/QuemfoiOrlando_Valverde.pdf - Acesso em: 19 de Março de 2016.

[7] Em 26 de janeiro, já sob a ditadura do Estado Novo, o Decreto-Lei nº 218 cria o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a partir do Instituto Nacional de Estatística (INE). O IBGE terá dois órgãos colegiados e autônomos: o Conselho Nacional de Geografia (CNG), novo nome do CBG; e o Conselho Nacional de Estatística (CNE). Disponível em http://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/linha-do-tempo Acesso em 21 de Março de 2016

campo, aliadas as ideias acadêmicas e ao aprendizado com grandes geógrafos, Geiger desenvolveu importantes análises e estudos sobre hierarquia urbana.

A sua primeira expedição, naquele período verdadeiras aventuras, foi para a região do Jalapão, hoje Tocantins, durante 06 meses para terminar o mapa do Brasil de 1:1.000.000, a partir da descrição regional. Essa foi a primeira vez que um geógrafo participava de uma expedição pelo IBGE. Naquela época as expedições eram realizadas apenas por engenheiros, geodesistas e cartógrafos. É válido ressaltar o papel desbravador que as excursões e trabalhos de campo tinham no interior de um Brasil ainda pouco conhecido ou mesmo mapeado.

Foi no Jalapão que Geiger pensou um novo conceito de classificação das cidades, a partir de uma hierarquia urbana, uma reflexão acerca da composição social das cidades locais, que nunca ouvira antes. Conforme o depoimento do autor, a viagem ao Jalapão foi fundamental para a realização da sua primeira classificação da hierarquia urbana no Brasil, pautada pela economia política, e pelo conceito de classe social. Interpretação revolucionária para a época.

> "Para mim, foi uma viagem fundamental, importantíssima. É nessa viagem que eu faço a primeira hierarquia urbana no Brasil totalmente da minha cabeça. Porque em 1943 eu estava sendo politizado, eu já lia economia política e estava sendo influenciado pelo conceito de classe social. Quando eu cheguei ao Jalapão e fiz uma classificação de cidades, que eu considero a melhor que eu já fiz até hoje, em 1943, eu estava com 20 anos de idade. O que é que tem essa classificação? Eu peguei a cidade principal da região, que é a confluência do Rio Grande (um afluente do São Francisco) com o Rio São Francisco, que drena toda aquela área do oeste e noroeste da Bahia. Na foz do Rio Grande tem uma cidade chamada Barra do Rio Grande, até hoje ainda existe essa cidade. Então eu disse que a Barra do Rio Grande era a cidade da primeira hierarquia da região, porque o grupo social que dominava a cidade era o atacadista. Os comerciantes atacadistas que dominavam a economia da cidade. A cidade comprava os produtos da região, algodão, ceras, peles, para exportar e abastecia o comércio do interior, dos varejistas, com produtos que eram trazidos de Salvador e também importava produtos. Para mim, era a cidade mais importante, porque a classe dominante era a classe dos comerciantes atacadistas que, para ganhar *status,* comprava fazendas e também criava gado. Essa classe era mais importante do que a classe dominante do interior, que era só de criadores de gado. A classe dos atacadistas tinha se sobreposto a classe de criadores de gado. O segundo nível de cidades era das cidades do interior, como Rio Preto e Formosa, onde prevaleciam os comerciantes varejistas, distribuidores de produtos, e atacadistas, compradores de produtos para a região, produtos que enviavam para os comerciantes da região. Só que esses varejistas, na sua maioria, era de imigrantes sírios, libaneses, que para ganhar *status* social também compravam fazendas e eram ótimos criadores de gado.

> Então, esse era o segundo nível, uma outra classe de cidades. Havia o terceiro grupo de cidades, como Corrente no sul do Piauí, que eram cidades tradicionais, onde a classe dominante era composta por antigos fazendeiros de gado e não de comerciantes. Eram cidades de outro tipo, onde a classe dominante eram criadores de gado e não comerciantes. Eu fiz uma classificação de cidades apoiada na classe social dominante das cidades e acho que foi a melhor divisão que eu fiz até hoje."[8]

Ainda no período inicial de atuação no IBGE, Geiger foi um dos fundadores do Clube dos "Ibgeanos", onde atuou por longos anos. O referido clube deu origem à atual Associação e ao Sindicato dos Funcionários do IBGE. (GEIGER, 1994, p.133).

(Fonte: IBGE-CCDI)

Aposentou-se[9] pelo IBGE em 1984. Porém a sua saída não o fez desviar dos temas da Geografia brasileira. Posterior ao IBGE recebeu convites de amigos da Universidade de São Paulo (USP), para lecionar no programa de pós-graduação, diversas correntes do pensamento geográfico, justamente algumas décadas após as universidades assumirem a vanguarda nas pesquisas acadêmicas. Pedro Geiger construiu novos vínculos acadêmicos, com o apoio de Instituições de fomento à pesquisa, possibilitando a continuidade das atividades profissionais e intelectuais.

---

[8] GEIGER, P. Depoimento concedido à Monica Machado, 2002.
[9] Notas autobiográficas e reflexões, de Pedro Geiger, 1994.

Pedro Geiger (primeiro da direita para a esquerda) durante uma apresentação técnica da Conferência Nacional de Geografia e Cartografia – CONFEGE, em 1968[10].

Influiu também a produzir conhecimento sobre o espaço mundial, a pensar nas relações internacionais da Geografia brasileira, como a inserção do Brasil na economia globalizada atual. Outros trabalhos relacionados à Geografia Cultural, em particular, voltados para o Judaísmo, também foram publicados, a partir da década de 1990, por exemplo.

A produção do Pedro Geiger assume então, diferentes desdobramentos na Geografia. Múltiplas contribuições do autor são notórias, como "*A Bossa Nova e a Cidade do Rio de Janeiro*", (GEIGER & MELLO, 2011). O artigo apresenta relações inerentes da evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro, a partir dos anos 50 e o desenvolvimento do gênero musical conhecido como bossa nova. O trabalho tenta encontrar ligações entre desenvolvimentos que marcam uma dada época, um de natureza política, a construção de Brasília no governo de Juscelino Kubitschek dos anos 50, e o surgimento do gênero *bossa nova,* no Rio de janeiro, na mesma década.

---

[10] IBGE – CCDI. In: ALMEIDA, R. S. *A Geografia e os geógrafos do IBGE no período 1938 – 1998: Uma Relação entre Documento e Memória*. 2000. Doutorado em Geografia (Geografia Humana) (Conceito CAPES 7). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil.

O geógrafo também desenvolveu trabalhos relacionados à globalização, modos de produção e multipolaridade, a exemplo do artigo intitulado de *"Será o Século XXI um Século Chinês?"*, (GEIGER, 2015). O trabalho trata de teorias relativas a respeito do desenvolvimento de futuras hegemonias e transições do modo de produção, a partir da rápida ascensão econômica e política da China, por exemplo, e de outros países que compõem o BRICS. São abordados temas como o deslocamento histórico espacial da hegemonia, através da colagem cultural de uma nova hegemonia num país hegemônico precedente; as mudanças de modo de produção; o papel do Estado e de *soft power* no processo histórico e as condições geográficas para o desenvolvimento.

Portanto, deve ser ressaltado que as suas contribuições intelectuais à Geografia ainda não cessaram, visto que o professor ainda produz, leciona e mantém o pioneirismo ao debruçar-se sobre novas temáticas, abordagens e campos de conhecimento.

Artigos publicados por Pedro Geiger na Revista Brasileira de Geografia (IBGE)				
Ano	**Vol.**	**Nº**	**Autor**	**Artigo**
1951	13	3	Pedro Geiger	Alguns problemas geográficos na Região entre Teófilo Otôni (Minas Gerais) e Colatina (Espírito Santo)
1954	16	3	Pedro Geiger, Ruth Lyra Santos	Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada fluminense
1956	18	1	Pedro Geiger	A região setentrional da baixada fluminense
1956	18	4	Pedro Geiger	Urbanização e industrialização na Orla Oriental da Baia de Guanabara
1960	22	1	Pedro Geiger	Ensaio para a estrutura urbana do RJ
1961	23	2	Pedro Geiger, Fany Davidovich	Aspectos do fato urbano no Brasil
1969	31	1	Pedro Geiger	Regionalização
1970	32	2	Pedro Geiger	Divisão regional e o problema regional
1970	32	4	Pedro Geiger	Cidades do Nordeste. Aplicação de "factory analysis" no estudo de cidades nordestinas
1973	35	1	Pedro Geiger	Diretrizes e prioridades em pesquisas urbanas
1974	36	3	Pedro Geiger, Fany Davidovich	Reflexões sobre a evolução da estrutura espacial do Brasil sob o efeito da industrialização
1974	36	4	Pedro Geiger, et. al.	Distribuição de atividades agropastoris em torno da metrópole de São Paulo
1980	42	2	Pedro Geiger et AL	Questões da Concentração Geográfica dos Estabelecimentos Industriais

1980	42	3	Pedro Geiger	Fluxos Interestaduais de Vazamento de renda e Pobreza Urbana
1982	44	2	Pedro Geiger, et. al.	Contribuição aos estudos da estrutura espacial do sistema industrial no Brasil (a criação de um sistema de dados)

Fonte: http://biblioteca.ibge.gov.br/d_detalhes.php?id=7115 Consulta 04/08/2012

Elaboração: Geobrasil, Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política (UERJ).

1.3. INFLUÊNCIA DE PROFESSORES, AUTORES E GEÓGRAFOS

Os professores que mais influíram na formação do Ensino Secundário no Colégio Pedro II foram o catedrático e militante anarquista José Rodrigues de Leite e Oiticica (1882-1957), professor de Português, que indicava leituras como Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Autor de uma farta produção intelectual relacionada aos estudos da Linguística, da Literatura, da Música, da Poesia, do Teatro e do ideário anarquista (FIGUEIRA, 2008).

Na disciplina de Geografia, ainda no Colégio Pedro II destaque para (os irmãos Raja Gabaglia), Fernando Antônio Raja Gabaglia, professor e diretor do Colégio, autor de livros didáticos e um dos fundadores do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e seu irmão João Capistrano Raja Gabaglia, que também fez parte do Corpo Docente do Colégio Pedro II. Ambos os irmãos Raja Gabaglia, autodidatas contribuíram para a formação do Conselho Nacional de Geografia (CNG) e do IBGE, criados respectivamente, em 1936 e 1938, e estavam em constante atualização sobre as discussões geográficas dos centros internacionais de pesquisa, do período. (MACHADO, 2000 & 2005).

Jonathas Serrano, também professor do CPII mostrou para Geiger que a História da civilização era apenas um relato cronológico de eventos[11]. Jonathas Arcanjo da Silveira Serrano (1885- 1944), também era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Associação Brasileira de Educação (ABE) e defendia que a História deveria ser uma disciplina lecionada a partir de uma perspectiva científica, pois só assim seria capaz de formar cidadãos dotados de uma consciência nacional (FREIXO & COELHO, 2015).

Já na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Arthur Ramos (1903-1949) e seu curso de Antropologia teve influência ao transmitir o conteúdo ideológico do conhecimento. Delgado de Carvalho com História Moderna e Josué de Castro na Geografia Humana.

Pedro Geiger aponta também, diversos professores estrangeiros preponderantes a sua formação. Como Antoine Bon, que ocupava a cadeira de História da Antiguidade, Victor

[11] Notas autobiográficas e reflexões, de Pedro Geiger, 1994.

Tapié, professor de História Moderna e História Contemporânea, e na cadeira de Geografia o professor Francis Ruellan, que teve bastante influência na formação de Geiger, pois exerceu um papel moral, quanta à disciplina e dedicação ao trabalho, indo ao encontro dos ensinamentos da instância religiosa. No entanto, além dos aspectos morais, Ruellan representava apenas uma ampliação, uma extensão, dos conhecimentos científicos adquiridos no Colégio Pedro II. Ainda, de acordo com Geiger, a grande mudança em sua construção do conhecimento, no sentido vertical, se realizou pelas atividades no movimento estudantil, pela leitura do Marxismo, do Materialismo Histórico, e de temas sobre Economia Política.

Vidal de La Blache, e outros clássicos que eram indicados para ler, não exerceram grandes impactos na formação de Geiger. Contudo um autor que o impressionou foi Camille Vallaux, ao ler "*Les Sciences Geographiques",* desencadeando a sua preocupação filosófica e metodológica.

Karl Marx (1818-1883), Karl Johann Kautsky (1854-1938), Georgi Plekhánov (1856-1918), e em especial, Henri Léfèbvre (1901-1991), o qual Geiger foi aluno bolsista em 1946, enviado à França por Ruellan, foram autores de prestígio que influenciaram na formação intelectual de Geiger. Quanto ao Brasil, as obras de Caio Prado Júnior (1907-1990), não podem deixar de ser citadas como significativas e valorosas para Geiger.

Capítulo II

2- ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO BRASIL SEGUNDO PEDRO PINCHAS GEIGER

A unidade territorial brasileira continua sendo um dos grandes desafios para a compreensão de Estado-nação. O Brasil como uma unidade territorial apresenta diferentes relações políticas, culturais e econômicas e sociais. Logo falar da concepção da organização regional brasileira é algo amplamente complexo, pois de acordo com (CORRÊA, 1989) trata-se da regionalização de um país de grandes dimensões que tem passado por um processo desigual de diferenciação que envolve o espaço e o tempo.

É importante apresentar reflexões sobre o conceito de região, pois está ligado ao conceito de organização regional, ambos presentes na proposta de divisão regional do Brasil feita por Geiger. Dessa forma, será apresentado a conceituação de região, visto haver diversas abordagens tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico.

2.1. A REGIÃO

> "Em primeiro lugar, é necessário lembrar que a palavra região tem um largo sentido, mesmo popular, significando a porção de um todo. Mesmo em geografia, emprega-se muitas vezes o termo num sentido vulgar, como referência a um trecho qualquer da superfície terrestre. Outras vezes, queremos dar ao termo região um sentido preciso, que definisse um objeto de determinados atributos. De qualquer forma, parece-nos importante chamar atenção para o significado dado ao popular: a parte de um todo. Pois, a primeira observação relativa ao conceito científico de região é de que esta não pode ser entendida como uma unidade completamente independente ou isolada, mas que ela é uma parte integrada dinamicamente num conjunto maior". (GEIGER, 1964, p.25).

A palavra região deriva do latim *regio,-onis.*, que tem origem no verbo *regere,* que significa fazer exercer, governar ou reinar. Na antiguidade região era referência de unidades territoriais de ação e controle em que dividia o Império Romano.

O termo região é bastante utilizado no senso comum, que está relacionado ao entendimento de localização e de dimensão, e está ligado fundamentalmente a noção de distinção de áreas. Este último, ligado tanto a linguagem do homem comum, como também na linguagem da ciência geográfica. De acordo com (GOMES, 2011, p.53) a região pode ser uma referência de limites conferidos à diversidade espacial, a exemplo de numerosas expressões utilizadas, como "a região mais pobre", "a região montanhosa", que são associadas a um conjunto de área que apresentam características peculiares que se diferem das demais.

Também é importante destacar que a noção de região pode ser compreendida como unidade administrativa, logo uma área de dominação, de controle político administrativo. Neste caso, a divisão regional é o meio pelo qual se exerce hierarquia e controle administrativo dos Estados.

Porém, na Geografia o uso do termo região como um conceito científico é bastante complexo e não ocorre de maneira simétrica, já que existem diversas discussões epistemológicas quanto ao assunto. Apesar do conceito de região ser utilizado por várias outras ciências, a Geografia faz discussões mais sistemáticas e acaloradas, uma vez que a região constitui uma categoria analítica dessa ciência.

Cabe salientar que este trabalho se limita apresentar, resumidamente, diferentes conceituações de região, que refletem diferentes correntes do Pensamento Geográfico.

2.1.1. COMPREENSÃO DAS DIVERSAS CONCEPÇÕES DE REGIÃO

Será apresentado importantes contribuições sobre os conceitos de região, a partir três correntes teóricas da Geografia: Geografia Tradicional - (O Determinismo -região natural e o Possibilismo, -região geográfica constituem os paradigmas da Geografia Tradicional e tinham como base analisar as relações Homem x Natureza), Nova Geografia e Geografia Crítica, respectivamente.

Segundo as pressuposições de Corrêa, o conceito de região evidencia que a diferenciação de áreas ocorre a partir dos elementos da natureza e que se faz necessário considerá-los, ou seja, a região natural fundamentou-se na valorização da ação do meio natural sobre o homem, na visão de que o homem é um produto do meio. Nesse contexto foi edificada a concepção de região natural, a qual foi influenciada pelo Determinismo ambiental, que teve em Friedrich Ratzel (1844-1904), geógrafo alemão, uma das figuras de maior destaque. Logo,

> "A região natural é entendida como uma parte da superfície da Terra, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizadas pela uniformidade resultando da combinação ou integração em áreas dos elementos da natureza (...). Em outras palavras, uma região natural é um ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são integrantes". (CORRÊA, 1986, p. 23 e 24).

Quanto ao Determinismo, existem diversas análises críticas sobre a definição dessa corrente do Pensamento Geográfico, que o define como uma ideologia dos países dominantes, que procuram explicar, o desenvolvimento, a expansão e o poder, a partir das características do meio natural. Contudo, encobrem os reais motivos que encaminharam muitos países a níveis diferenciados de desenvolvimento e domínio.

Como reação às explicações e análises geográficas baseadas no Determinismo, no final do século XIX, surgiu o Possibilismo geográfico na França, com Paul Vidal de La Blache (1845-1918), cujas suas teorias motivaram um retorno às análises (Homem x Natureza), contribuindo decisivamente para a formulação do conceito de região na Geografia Possibilista.

De acordo com Corrêa o Possibilismo, reagindo ao Determinismo ambiental, aponta diferentes considerações sobre a questão da região,

> "A região geográfica abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam de modo harmonioso, componentes humanos e natureza. A ideia de harmonia (...) constitui o resultado de um longo processo de evolução, de maturação da região, onde muitas obras do homem fixaram-se, ao mesmo tempo com grande força de permanência e incorporadas sem contradições ao quadro final da ação humana sobre a natureza". (CORRÊA, 1986, p. 28).

Ainda de acordo com Corrêa, a concretude da concepção de região dentro dessa corrente tinha como método de análise o reconhecimento, a descrição e explicação, evidenciando a individualidade, personalidade, singularidade da região onde seus limites eram determinados por diversos elementos fronteiriços: clima, vegetação e solo, por exemplo.

Já no século XX, as mudanças de paradigmas são acompanhadas de reformulações e novas formulações conceituais sobre noções de região vinculadas à Nova Geografia, que nasce simultaneamente, na Suécia, na Inglaterra e nos Estados Unidos da América (EUA).

> "Um conhecimento científico é o resultado, em um determinado momento do tempo, da relação entre o estágio de desenvolvimento teórico sobre o objeto e o grau de conhecimento sobre esse objeto" (BEZZI, 2004, p. 104).

Após a 2ª Guerra Mundial, no contexto da recuperação econômica da Europa e da guerra fria, verifica-se uma nova fase de expansão capitalista. É nesse cenário, segundo Corrêa, que a Nova Geografia fundamentada no Positivismo Lógico, ou seja, a Matemática e a Estatística como método de apreensão do real, introduzidas nos estudos geográficos, apresenta novas abordagens e novos significados passam a fazer parte das discussões sobre o conceito de região, que se opõe aquelas associadas aos paradigmas do Determinismo ambiental e do Possibilismo.

Neste novo contexto a região é definida como,

> "um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares". (CORRÊA, 1986, p.32).

Logo, para a Nova Geografia,

> "as similaridades e diferenças entre lugares são definidas através de sua mensuração na qual utilizam técnicas estatísticas descritivas como o desvio-padrão, o coeficiente de variação e a análise de agrupamento. Em outras palavras, é a técnica estatística

> que permite revelar as regiões de uma dada porção da superfície da Terra". (CORRÊA, 1986, p.32).

Ainda no domínio da Nova Geografia, a região passou a ter duas abordagens fundamentais. A região homogênea (formal ou uniforme), que é

> "aquela cuja identidade sempre se relacionará com características físicas, econômicas, sociais, políticas, culturais, entre outras, em uma determinada área" (BEZZI, 2004, p. 136).

Um exemplo desse tipo de região consiste na divisão regional do Brasil em microrregiões homogêneas, formulada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que permaneceu até 1989.

A outra abordagem é de região funcional (polarizada ou nodal), que podemos definir a partir de múltiplas relações que criam fluxos de mercadorias, informações, pessoas, decisões, idéias etc., articulando um espaço que é internamente diferenciado. Nesse tipo de abordagem, a cidade assume um importante papel como centro da organização espacial. Á exemplo, de tal abordagem destaca-se a divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas, elaborada pelo IBGE em 1972.

Contudo, a Nova Geografia sob o paradigma de ser Quantitativa foi acusada de ser acrítica, pois não conseguia dar conta de interpretar e explicar as transformações sócio-espaciais no contexto capitalista. Dessa forma, diante dos crescentes níveis de desigualdades socioeconômicas e a insatisfação com os pressupostos teórico-metodológicos da Nova Geografia surgiu outras correntes do Pensamento Geográfico, que de diferentes maneiras, acentuaram a preocupação com o caráter social da Geografia.

> "As razões da ruptura com a Nova Geografia devem-se à concepção de que a Geografia deveria ser uma ciência preocupada com os problemas sociais e, por isso, deveria aprofundar as relações sociedade x natureza, tendo como objeto a realidade social". (BEZZI, 2004, p. 179).

Nesse âmbito de transformações surgiu durante as décadas de 1970 e 1980 a Geografia Crítica fundamentada no Materialismo Histórico e Dialético, contribuindo para a construção de novos parâmetros para o estudo regional. De acordo com essa abordagem a reconstituição histórica é importante para a compreensão da região como produto de uma divisão territorial do trabalho, implantada no interior do sistema capitalista.

A Geografia Crítica proporcionou importantes contribuições, como podemos analisar no seguinte fato:

> "Um dos aspectos mais positivos da incorporação do marxismo em relação à temática regional foi a crítica à fetichização do espaço e aos estudos baseados na descrição e análise das funções regionais". (LENCIONE, 1999, p. 168).

De acordo com os postulados do Marxismo:

> "A Região pode ser vista como resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas (...). Pode-se dizer que a região é considerada como uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos". (CORRÊA, 1986, p. 45-46).

Bezzi destaca que "As interpretações acerca desse desenvolvimento desigual, suas causas e consequências compõem um vasto quadro de tonalidades diversas, que se integram a visões diferentes dos fatos constituintes da região, seu papel e sua importância".[12]

Temas como segregação urbana, violência, entre outros foram abordados, além do desenvolvimento desigual e combinado, enriquecendo o debate e a produção geográfica.

Portanto, a região pode ser considerada, como o resultado da lei de desenvolvimento desigual e combinado, que apresenta como elementos fundamentais a divisão nacional e internacional do trabalho e a associação de relações de produção distintas.

Segue-se, pois, contribuições sobre a regionalização proposta por Geiger em três grandes complexos geoeconômicos, (Amazônia, Nordeste e Centro-Sul), que se tornou bastante popular, principalmente no Ensino Básico da Geografia escolar, por problematizar o conceito região ao opô-la à regionalização oficial brasileira do IBGE.

Capítulo III

3- DIVISÃO GEOECONÔMICA DO BRASIL DE PEDRO PINCHAS GEIGER

Os estudos da Divisão Regional do país iniciaram-se em 1941, no IBGE sob a coordenação do Professor Fábio Macedo Soares Guimarães com o objetivo de sistematizar as

[12] (BEZZI, 2004, p. 184)

várias divisões regionais que vinham sendo propostas, de forma que fosse organizada uma única divisão regional do Brasil para a divulgação das estatísticas brasileiras. A partir desses trabalhos, foi aprovada, em 31 de Janeiro de 1942, através da Circular nº1 da Presidência da República, a primeira Divisão do Brasil em regiões, a saber: (Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste).[13]

Cartograma da divisão regional do Brasil para fins práticos, aprovada pelo Conselho Nacional de Geografia.

Em 06 de julho de 1945, a Resolução 143, por sua vez estabelece a Divisão do Brasil em Zonas Fisiográficas, baseadas em critérios econômicos do agrupamento de municípios. Pedro P. Geiger teve uma importante participação nessa divisão, sendo responsável pela divisão regional do estado de São Paulo, propondo um zoneamento, diferente do tradicional modelo utilizado à época, segundo os eixos das vias férreas, e estabelecendo uma zona Fisiográfica industrial entre a metrópole, Campinas e Sorocaba**.** Estas Zonas Fisiográficas foram utilizadas até 1970 para a divulgação das estatísticas produzidas pelo IBGE e pelas Unidades da Federação.

[13] Informações retiradas da página do IBGE.
Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm?c=1
Acesso em: 24 de Agosto de 2016.

Em 1976, foram definidas as mesorregiões por agrupamento de microrregiões, devido a necessidade de se ter um nível de agregação espacial intermediário entre as grandes regiões e as microrregiões homogêneas.

No ano de 1990, o IBGE aprovou a atualização da divisão regional do Brasil em microrregiões geográficas, tendo por base um modelo conceitual fundamentado na ideia de que o desenvolvimento capitalista de produção teria afetado de maneira diferenciada o território nacional. Atualmente a divisão regional oficial do país é do IBGE, que divide o território brasileiro em cinco grandes regiões (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro Oeste).

Ainda na década de 60, diante da vigente divisão regional do Brasil realizada pelo IBGE, Geiger define o país como uma gigantesca unidade, onde se encontravam características do subdesenvolvimento, que ilustravam relações externas de um país agrário com países industrializados ou relações existentes entre as regiões mais atrasadas com regiões mais evoluídas do país, e características do desenvolvimento, marcadas pela expansão de um mercado próprio e da industrialização. Dessa maneira, novas diferenciações regionais se formaram no decorrer da evolução econômica e social do Brasil.

Em decorrência das transformações ocorridas no espaço nacional, foram retomados os estudos para a revisão da divisão regional. Uma importante alteração para o Brasil foi a mudança da capital para Brasília. Ponderando sobre os possíveis impactos, o geógrafo Pedro Geiger publica em 1964 o artigo intitulado "*Organização Regional do Brasil*",[14]que propunha uma nova metodologia de regionalização, ou seja, uma divisão do país baseada em aspectos geoeconômicos, certamente, a partir de uma discussão metodológica sobre o reaparecimento dos temas de Geografia Regional, à luz de uma nova Geografia que também surgia chamada de "Geografia Moderna" pelo autor.

Neste artigo, a divisão regional do Brasil é representada fundamentalmente por três grandes complexos geoeconômicos. Esclarecendo que a divisão realizada não ocorreu em regiões, mas sim em unidades econômicas: o Centro-Sul, com a reunião do Sul, Sudeste e parte do Centro-Oeste, bastante vastas para que lhe fossem atribuídas a classe de região. O Nordeste, que agrega os estados nordestinos com forte herança do passado e a Amazônia, como a grande fronteira de recursos a ser explorada.

[14] Revista Geográfica - IPGH - N° 61, Brasil, Julho/Dezembro, 1964. P. 25-57.

Diferentes das outras divisões regionais, essa divisão não acompanha os limites regionais[15] entre os estados. O Norte de Minas Gerais por apresentar características naturais e socioeconômicas semelhantes às do Nordeste aparece integrada nessa região, assim como o Leste do Maranhão. O Norte do Mato Grosso e Oeste do Maranhão integram a Amazônia e o extremo Sul de Tocantins, pertence ao Centro-Sul, por exemplo.

Fonte: BECKER, Bertha. Crescimento econômico e estrutura espacial do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 34, n. 4.

3.1. CENTRO-SUL

A composição da porção Centro-Sul ocorreu em diversos movimentos, que se distinguem na expansão cafeeira, na colonização/migração européia moderna[16] e no processo de industrialização. A região industrial e urbana do Centro-Sul é o núcleo polarizador onde se destacam as duas metrópoles nacionais Rio de Janeiro e São Paulo. Outros espaços também se fortalecem,

---

[15] Segundo Kaiser (1973), reconhecer os limites regionais não é mais tarefa dos geógrafos, não é mais seu objeto principal de pesquisa. Na contemporaneidade, tende-se a considerar a região muito mais um campo de ações concomitantes de complexas e intensas variáveis do que uma inscrição espacial precisa, equilibrada e de caráter homogêneo.

[16] A influência dos imigrantes no desenvolvimento de indústrias foi considerável, e a colonização urbana européia é, em grande parte responsável pela expansão de algumas grandes cidades, inclusive o Rio de Janeiro e São Paulo. (GEIGER, 1964, p.33).

> "forças polarizadoras das metrópoles de Curitiba e Porto Alegre, em uma integração superior à das metrópoles nordestinas" (...) e grande parte do Centro-Oeste "por onde transbordam atualmente populações e empreendimento agrícolas e urbanos desde o Sudeste e o Sul." (GEIGER, 1964).

O Centro-Sul apresenta amplos trechos bons para o desenvolvimento de plantações, devido ao clima quente e bastante úmido. Em áreas de altitude elevada a temperatura é bastante atenuada. Já na parte meridional o clima é denominado de subtropical.

> "Somando-se a estas áreas características físicas a existência de importantes jazidas de minerais que encontram emprego nas indústrias, compreende-se o papel dos recursos naturais do Centro-Sul na atração de populações e no desenvolvimento de suas atividades. Depois de reunir as principais áreas de *plantation* e concentrar as principais sedes de comercio, o Centro-Sul viu organizarem-se no seu interior as principais áreas industriais do país e as modernas empresas agrícolas". (GEIGER, 1964 p. 37).

3.2. NORDESTE

Em oposição ao Centro-Sul este complexo regional é menos desenvolvido, pois não se estruturou em regiões industriais, ficando subordinada ao Centro-Sul. Entretanto, possui certa independência[17] a partir das relações intra-regionais, que são superiores às inter-regionais, embora inferiores que as verificadas no Centro-Sul, pois se trata de uma economia agrária, que apresenta uma estrutura organizacional arcaica e a produtividade é menor, em relação as regiões do Centro-Sul. Porém, aponta-se também, o Nordeste como a região, por excelência de reforma agrária.

Algumas cidades desenvolvem atividades fabris, porém com pouca intensidade, logo o Nordeste não possui capacidade para organização mais sólida de suas regiões, devido à falta da base industrial. No entanto, esta região passou a ser destaque quando se trata de reformas ou planejamentos, com a descoberta de áreas de produção petrolífera no Recôncavo, por exemplo.

---

[17] Possuem seus núcleos polarizadores, na faixa litorânea, onde se localizam as grandes cidades portuárias e apresentam regiões complementares, como o Meio Norte, o Sertão do Oeste da Bahia e o Norte de Goiás. (GEIGER, 1964).

Em comparação com o Centro-Sul, o Nordeste não foi submetido a uma renovação de correntes migratórias provenientes do exterior. Constituiu-se em migrações de populações tradicionais para outras áreas do Brasil.

Quanto às características físicas foram pouco favoráveis em grande parte do território nordestino, apresentando não somente chuvas irregulares, como também, as consequências deste fenômeno interferiram no desenvolvimento da vegetação e do solo.

Deste modo,

> "Influiu para que a expansão agrícola do século XIX e XX fosse mais intensa nas regiões mais úmidas situadas ao Sul, trazendo na sua esteira o desenvolvimento industrial". "As diferenciações regionais refletem a adaptação das populações as condições naturais". (GEIGER, p, 47-48).

3.3. AMAZÔNIA

De acordo com Geiger a Amazônia, terceira grande região, correspondia a uma vasta unidade geográfica constituída por domínios naturais, onde a ocupação humana era escassa, reduzida a algumas áreas ao longo de trechos litorâneos de determinados rios.

> "Constituída por domínios naturais, onde pontos isolados de ocupação humana mantêm relações tênues, traduzidas principalmente nos fluxos de pequenos volumes de mercadorias para a exportação e de distribuição de mercadorias importadas. Logo, a extrema macrocefalia urbana é representada pela concentração de população em Belém e Manaus". (GEIGER, 1964, p 50).

A coerência da divisão geoeconômica de Geiger na década de 60 comparada aos dados atuais se apresenta congruente em vários aspectos,

> "A Amazônia, por exemplo, continua sendo um espaço onde a natureza impõe condicionantes fortes à ocupação humana, o que a torna rarefeita demograficamente, daí a hipertrofia de Manaus e Belém como polos regionais. Contudo, o isolamento e a desarticulação da época reduziram-se muito, e isso se deve aos investimentos em infraestrutura e ao surgimento de novos nichos econômicos na região". (MATOS, 2005, p, 28-29).

Contudo, o fim da década de 1960 ficou marcado por diversas mudanças, tanto no contexto político brasileiro, quanto internamente no IBGE e na própria Geografia. Após uma

série de reformas na estrutura do IBGE, o geógrafo Speridião Faissol[18] assume a liderança da Geografia no instituto. Na Geografia, há uma retomada do interesse regional frente à expansão de uma Geografia Sistemática.

Em 1970, Pedro Geiger continua escrevendo trabalhos sobre a temática da Geografia Regional. No artigo "*Divisão Regional e o Problema Regional*", o autor levanta uma série de questões envolvendo a divisão regional elaborada na década de 1940 pelo IBGE marcada, principalmente, pela sobreposição do quadro socioeconômico pelo quadro natural. O autor critica a obsolescência da divisão, ainda que ela tenha sido de grande valia ao longo dos anos para que os pesquisadores pudessem estudar levantar dados estatísticos e compará-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A regionalização é um dos temas mais antigos e mais importantes na Geografia. Há tempos a Geografia vem contribuindo com a discussão sobre a divisão do Brasil, desde os fins do século XIX com divisões voltadas para objetivos administrativos até as divisões direcionadas ao planejamento governamental da metade do século XX.

A proposta de divisão geoeconômica tripartite de Pedro Pinchas Geiger é considerada dentre as mais relevantes, certamente faz-se atual, no que se referem às unidades macro. Cada uma possui centros polarizadores que lhes dão consistência e áreas relativamente vazias em seus extremos periféricos.

Porém na década de 60 o autor já previa que,

> "devido a grande mobilidade no interior de algumas regiões a realidade da década de 60 pode não servir atualmente. Por exemplo, na massa florestal amazônica, observa-se, ao Norte do Mato Grosso e ao longo da rodovia Belém-Brasília, a entrada de populações pioneiras, desbravando a selva para o desenvolvimento de novas áreas agrícolas. Mas em lapso de tempo curto, esse problema afeta mais as unidades de hierarquia inferior ou apenas o traçado dos limites das grandes regiões. A caracterização das unidades maiores servirá para um longo período, principalmente quando se tratar de regiões mais evoluídas". (GEIGER, 1964).

[18] Inicia um movimento Intelectual que criaria um novo referencial nos estudos geográficos do Brasil - A introdução dos métodos quantitativos e a preocupação de determinar um arcabouço teórico dedutivo para a Geografia. São desta fase a maioria de seus trabalhos sobre os processos de urbanização brasileira e a introdução de textos teóricos metodológicos sobre a Geografia como Ciência Social. (REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, 1994).

Com relação a evolução da divisão regional do território brasileiro, o autor destaca que há duas linhas de evolução, quanto às unidades macro. Uma se refere a autores individuais e a diversas instituições, como as de Delgado de Carvalho, José Veríssimo da Costa Pereira, Celso Furtado, Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Outras se referem às do IBGE que assumiram cunho oficial. Algumas partiram do quadro natural, outras do quadro social. A do Celso furtado ganhou força por ter sido lançada quando Ministro do Juscelino Kubitschek, fazendo o IBGE adaptar-se a ao pensamento daquele autor. As do IBGE evoluíram de uma visão fundada no quadro físico, para outra que priorizou o social[19].

Neste contexto**,** de acordo com o autor, há necessidade, atualmente, de se pensar em uma nova divisão regional do Brasil, em torno de dez anos, dependendo dos ritmos temporais dos desenvolvimentos, e de suas expressões temporais, para que seja utilizada como melhor instrumento na organização de estudos, por exemplo, industrialização, urbanização, pré-sal, água, entre outros, considerando as unidades abaixo do nível macro.

(Fonte: Gustavo Ferreira de Azevedo, 2016).

Contudo, conclui-se, que o século XX foi marcado pela consolidação da Geografia brasileira no campo institucionalizado. Sendo o IBGE parte fundamental desse processo, muito se deve à vocação e os esforços laborais de seus funcionários e geógrafos. Pedro Pinchas Geiger não foi somente testemunha da evolução da Geografia no Brasil desde o surgimento do curso nas Universidades, mas ainda é um dos principais agentes na produção de conhecimento geográfico ao longo dos anos, atravessando também o século XXI com o interesse acerca da Globalização, Economia e Política atuais.

Deve ser ressaltado aqui que o geógrafo Pedro Pinchas Geiger é um grande intelectual e que seus subsídios intelectuais à Geografia ainda não cessaram, visto que o professor dispõe

[19] A maior parte das informações aqui apresentadas foi retirada da entrevista concedida por Pedro Geiger à Camila Alves, 2016.

de uma cultura e memória invejável e ainda produz, leciona como professor visitante e mantém o pioneirismo ao debruçar-se sobre novas temáticas, abordagens e campos de conhecimento.

(Fonte: Gustavo Ferreira de Azevedo, 2016).

REFERÊNCIAS

ALVES, C. G.; PINTO, H. G. "*A Trajetória Intelectual de Pedro Pinchas Geiger segundo suas Obras na Revista Brasileira De Geografia"*. In: III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico I Encontro Nacional de Geografia Histórica, 2012, Rio de Janeiro. História da Geografia no Brasil, 2012.

ALMEIDA, R. S. de. "*O IBGE e a Evolução da Ideia de Desenvolvimento no Brasil"*. Revista Geográfica. Instituto Pan-americano de Geografia e Historia. n. 120. jul. – dez. 1994. pp. 5 – 26.

_____ "*A Geografia e os geógrafos do IBGE no período 1938 – 1998: Uma Relação entre Documento e Memória";*. 2000. Doutorado em Geografia (Geografia Humana) (Conceito CAPES 7). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil.

ANDRADE, M. C. de. "*O pensamento geográfico e a realidade brasileira"*. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 54, p.5-28, jun. 1977.

ANDRADE, Vera Cabana. Colégio Pedro II "*A Cátedra de História de Jonathas Serrano no Colégio Pedro II*"– NUDOM – do CP II - LEH/ UFF. Rio de Janeiro, 2013.

BEZZI, M. L. "*Região: Uma (Re)Visão Historiográfica, da Gênese aos Novos Paradigmas"*. Santa Maria, RS: UFSM, 2004.

BRASIL. Nº 1.389, de 15 de janeiro de 1957. Clube dos Ibgeanos. Extrato de Estatuto. Diário Oficial [Estados Unidos do Brasil], Rio de Janeiro, DF, n. 17, 21 de jan. de 1957, Seção I, p. 80.

CORRÊA, Roberto Lobato, "*A Organização Regional do Espaço Brasileiro"*. Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, GFOSUL, n9 8 - Ano IV - 29 semestre de 1989.

_____ "*Região e organização espacial*". Editora Ática - São Paulo, 1986.

EVANGELISTA, H. "*Conselho Nacional de Geografia"***.** Revista Geo-paisagem. Rio de Janeiro, jan.-jun. 2012, ano 11, nº 21. ISSN nº 1677-650X.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. "*A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista na educação brasileira"*. 2008. 284 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREIXO, André Lemos & COELHO, Patrícia. "*O ensino renovado de história pelo catedrático do Colégio de Pedro II Jonathas Serrano*".Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 15, n. 3 (39), p. 261-292, setembro/dezembro2015

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica - Acesso em: 14 de Março de 2016.

_____ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC – FGV). Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica - Acesso em: 30 de Maio de 2012.

GEIGER, Pedro Pinchas. "*Será o Século XXI um Século Chinês?*" - GeoUERJ, N°. 27. Rio de Janeiro, 2015.

_____ "*Notas Autobiográficas e Reflexões*". (Dedicado a Regina Rochefort) GeoSul. N° 17- Ano IX - 1994, p.124.

_____ "*Divisão regional e o problema regional*". Revista Brasileira de Geografia. Vol. 32, nº 2. 1970.

_____ "*Depoimento concedido à Monica Machado*", 2002. "*A Geografia universitária carioca e o campo científico-disciplinar da Geografia brasileira"*. Orientador: André Roberto Martin. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo.

_____ "*Evolução do pensamento geográfico brasileiro, perspectivas"*. Anais do 4º Encontro Nacional de Geógrafos, AGB, 1981.

GEIGER, P. P. & MELLO, J. B. F. de. "*A Bossa Nova e a Cidade do Rio de Janeiro"*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

GOMES, Paulo C. da C. "*O conceito de região e sua discussão*". In: CASTRO, Iná E.; CORRÊA, Roberto L. GOMES, Paulo C.; "*Geografia: conceitos e temas"*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003, p. 49-76.

KAISER, B. "*A região como objeto de estudo da geografia*". In: GEORGE, P. et al. (Org.). *A geografia ativa*. 3. ed. Difusão Europeia do Livro. São Paulo, 1973 p. 279-321.

LENCIONE, Sandra. "*Região e geografia*". São Paulo: EDUSP, 1999.

MACHADO, Mônica Sampaio. "*A construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro"*. Rio de Janeiro: Apicuri/FAPERJ, 2009.

_____ "*A Implantação da Geografia Universitária no Rio de Janeiro*" Número extraordinário dedicado al II Coloquio Internacional de Geocrítica. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 69 (5), 1 de agosto de 2000.

_____ *"Os Satélites da Matriz Carioca da Geografia Brasileira, 1940-1970*". Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de Março de 2005 – Universidade de São Paulo.

MACHADO, M. S.; ALVES, C. G; PINTO, H. G. "Originalidade e Atualidade da Geografia de Pedro Geiger". In: MACHADO, M. S.; MARTIN. A. R.(orgs) "*Dicionários dos Geógrafos Brasileiros"*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2014, Vol.1, p. 187-203.

MATOS, R. *"Das grandes divisões do Brasil à ideia do urbano em rede tripartite*". In: MATOS, R. "*Espacialidades em Rede: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo"*. Belo Horizonte. C/Arte, 2005, p. 17-58.

PENHA, E. A. "*A criação do IBGE no Contexto da Centralização Política do Estado Novo"*. Rio de Janeiro, IBGE, 1993.

QUEM FOI ORLANDO VALVERDE. Disponível em http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/QuemfoiOrlando_Valverde.pdf - Acesso em: 19 de Março de 2016.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA "*Speridião Faissol*". Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, jan/dez de 1994.

RODRIGUEZ, Hélio Suêvo. "*A Formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro: O Resgate da sua Memória*". Ed. Memória do Trem. Rio de Janeiro, 2004. ISBN: 85-86094-07-02.

SÍNTESE DA HISTÓRIA DO IBGE - Linha do tempo (1936-2011). Disponível em http://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/linha-do-tempo, acesso em: 19 de Março de 2016.

SOTERO, Edilza. "*Reformas no ensino técnico brasileiro: diferentes concepções e modelos de desenvolvimento para a nação*". ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (USP), São Paulo.